



# A Santa Sé

---

CONCELEBRAÇÃO DURANTE A VISITA DO SANTO PADRE  
AO «ALMO COLÉGIO» CAPRÂNICA DE ROMA

**HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II**

*Terça-feira, 22 de Janeiro de 1980*

*Filhos caríssimos*

1. Constitui para mim motivo de alegria sincera poder celebrar convosco esta Eucaristia, na festa da Padroeira do vosso "Almo Colégio", que exalta como justo título de glória o mérito de ser o primeiro Instituto deste género a surgir em Roma. Deve-se, na verdade, à visão larga do seu piedoso Fundador, o Cardeal Domenico Caprânica, ter principiado a existir nesta Cidade, quase um século antes de começar o Concílio Tridentino, um lugar em que aos jovens aspirantes ao sacerdócio eram oferecidos todos os meios necessários para bem se prepararem para o futuro ministério.

Gerações inteiras de eclesiásticos, formados num profundo "sensus Ecclesiae", saíram deste Instituto no decurso de mais de cinco séculos de história. Sei que, entre os seus alunos, o "Almo Colégio" conta mesmo dois Papas, Bento XV e Pio XII, além de numerosos Cardeais, Prelados e muitos sacerdotes zelosos, que difundiram tesouros de ciência e bondade pela "vinha do Senhor". Homens que aprenderam aqui a amar a Cristo e à Igreja, que nesta Comunidade se exercitaram na prática das virtudes humanas e cristãs, que nela se prepararam para tomar activamente o seu lugar nos diversos encargos, dos mais humildes aos mais prestigiosos, a que o Senhor os chamou.

Vós, filhos caríssimos, sois os herdeiros de uma tradição gloriosa e bom é que desperteis, em vós mesmos, a consciência disso também nesta circunstância, à volta da mesa eucarística e sob os olhares de Deus, para vos sentirdes estimulados a estar à altura dos nobres exemplos de virtude, deixados por aqueles que vos precederam entre estas paredes venerandas. Os testemunhos

deles devem ser para cada um de vós contínuo chamamento a uma generosa e coerente aplicação ao estudo e à disciplina eclesiástica, à oração e à fidelidade aos vossos deveres, de maneira que vos prepareis a ser sacerdotes totalmente de Cristo para a edificação do Povo de Deus.

2. A isto vos impele também o exemplo da menina, a cuja intercessão o vosso Seminário está confiado. Santa Inês, com a sua existência de virgindade e martírio, despertou no povo romano, e no mundo inteiro, uma onda de comovida admiração, que o tempo não conseguiu abafar. Nela impressiona a maturidade do juízo apesar da idade muito juvenis, a firmeza da decisão apesar da pressionabilidade feminina, e a coragem impávida apesar das ameaças dos juizes e da crueldade dos tormentos.

Já Santo Ambrósio exprimia admiração com as conhecidas palavras que a Liturgia nos propôs no Ofício de Leitura: "Em corpo tão pequeno haveria porventura espaço para as feridas?... Contudo, as meninas desta idade não suportam sequer o rosto zangado dos pais, e choram, como se de feridas se tratasse, por causa da picada de um alfinete. Mas Inês permanece impávida entre as mãos dos cruéis algozes, imóvel perante o peso e estridente arrastar das cadeias" (*De virginibus*, 1, 2, 7; *PL* 16, 190).

Como tenro e cândido cordeiro oferecido em dom a Deus, Inês prestou o testemunho supremo a Cristo com o holocausto cruento da sua juvenil vida. O antigo rito, que prevê neste dia a bênção de dois cordeiros, cuja 1ª serve depois para confeccionar os pálios arquiiepiscopais, perpetua a recordação deste exemplo de coragem invicta e de pureza intemerata.

3. A imagem da heróica menina leva-nos espontaneamente com o pensamento às palavras pronunciadas por Jesus no Evangelho: *Bendigo-Te, ó Pai, Senhor do céu e da terra; porque escondeste estas coisas aos sábios e aos entendidos e as revelastes aos pequeninas. Sim, ó Pai, porque isso foi do Teu agrado* (Mt 11, 25-26). "Bendigo-Te, ó Pai, Senhor do céu e da terra": estas palavras solenes parecem trespassadas por uma espécie de calafrio de exultação. Jesus vê longe; vê, no decorrer dos séculos, a falange inumerável de homens e mulheres de toda a idade e condição, que alegremente aderiram à Sua mensagem. Neste número está também Inês.

Irmana-os uma característica: são pequenos, quer dizer, simples, humildes. Assim foi desde o principio: *A boa nova é anunciada aos pobres* (Lc 7, 22), disse Jesus aos mensageiros de João, e o Seu primeiro "Bem-aventurados" reservou-o para eles (Mt 5, 3). É a gente humilde, repelida e desprezada, que O compreende e vem ter com Ele. E com ela estabelece imediato entendimento; é gente que sabe que nada sabe e nada vale, sabe que tem necessidade de auxílio e de perdão; por isso, quando Ele fala dos mistérios do Reino e quando diz que veio trazer o perdão de Deus e a salvação, encontra em tal gente corações abertos para O compreenderem.

Mas não aconteceu assim com os "sábios" e os "entendidos": estes formaram para si uma visão

própria de Deus e do mundo, e não estão dispostos a mudá-la. Julgam tudo saber de Deus, possuir a resposta última e nada ter que aprender: por isso recusam a "boa nova", que parece tão esquisita e em contraste com os princípios fundamentais da sua "Weltanschauung". É mensagem que propõe certas reviravoltas paradoxais, que o seu "bom senso" não pode aceitar.

Assim acontecia nos tempos de Jesus, assim nos de Inês; assim acontece também hoje e talvez até de modo inteiramente particular. Vivemos numa cultura que tudo submete a análise crítica e fá-lo muitas vezes absolutizando critérios que são unicamente parciais, por sua natureza inadaptados à percepção daquele mundo de realidades e valores, que escapa à verificação dos sentidos. Cristo não pede ao homem que renuncie à própria razão. E como poderia pedir isso, se foi Ele próprio que no-la deu? O que pede é que não cedamos à antiga sugestão do tentador, que não pára de nos fazer brilhar diante dos olhos a perspectiva enganadora de podermos ser "como Deus" (Cfr. *Gén 3, 5*). Só quem aceita os próprios limites intelectuais e morais, e se reconhece necessitado de salvação, pode abrir-se à fé e na fé encontrar, em Cristo, o seu Redentor.

4. Redentor que vem ao seu encontro na atitude do esposo. Temos bem presentes as estupendas expressões do texto de Oseias, ouvido há pouco: *Então te farei minha esposa para sempre, far-te-ei minha esposa na justiça e no direito, com misericórdia e amor. Desposar-te-ei com fidelidade, e tu conhecerás o Senhor (Os 2, 21-22.)*. É o prenúncio da nova aliança, que Deus se prepara para concluir com o Seu povo: pacto de amor eterno, não já fundado na fragilidade do homem, mas na justiça e na fidelidade de Deus.

Estas palavras são dirigidas à Igreja, mas são também verdadeiras para cada alma em particular. Inês recolheu-as como convite pessoal à doação sem reservas. *Aceitou ir ao deserto (Os 2, 16)* com o Esposo divino e continuou a andar com Ele, sem se deixar afastar nem pelas lisonjas nem pelas ameaças: submetida à prova, "et aetatem vicit et tyrannum; et titulum castitatis martyrio consecravit" — venceu a idade e o tirano; e consagrou com o martírio a honra da castidade (S. Jerónimo, *Ep. 130 ad Demetriadem, 5; PL 22, 1109*).

5. A escolha de Santa Inês é também a vossa, caríssimos filhos. Vós também decidistes amar a Cristo com "coração indiviso" (Cfr. *1 Cor 7, 34*), conscientes das riquezas de graça que esta doação total vos reserva. Todavia, como jovens perspicazes que sois, não vos passam despercebidas as dificuldades a que esta escolha vos expõe. Sabeis que podereis ser vítimas de mal-entendidos e incompreensões, e também de oposições e hostilidades, tanto mais dolorosas quanto mais falsas e encobertas.

Caríssimos, estas são perplexidades bem compreensíveis. Mas não vos parece que nas palavras de São Paulo, propostas pela segunda Leitura, vos é oferecida a resposta capaz de revigorar o coração temeroso e titubeante? *O que é fraco segundo o mundo é que Deus escolheu para confundir o que é forte: O que é vil e desprezível no mundo, é que Deus escolheu, como também aquelas coisas que nada são, para destruir as que são. Assim, ninguém se vangloriará diante de*

*Deus (1 Cor 1, 27-29.)*

Élinha de procedimento que Deus não desmentiu nunca: Não é acaso prova disso a história de Inês, que nós hoje recordamos? Mediante a debilidade e a inexperiência de uma frágil menina, Deus meteu a ridículo a arrogância dos poderosos deste mundo, oferecendo testemunho surpreendente da força vitoriosa da fé: "magna vis fidei, quae etiam ab illa testimonium invenit aetate" — grande a força da fé, que foi testemunhada mesmo por aquela idade (Santo Ambrósio, *De virginibus* I, 2, 7; PL 16, 190).

Éclaro, portanto, o que é sugerido: que não devemos olhar tanto para nós mesmos quanto para Deus, e que n'Ele devemos procurar o "suplemento" de energia, que nos falta. Não está nisto o convite que ouvimos dos lábios mesmos de Cristo: *Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e aliviari-vos-ei (Mt 11, 26)*? Ele é a luz capaz de dissipar as trevas, entre as quais anda às cegas a nossa inteligência limitada; Ele a força que pode dar vigor à nossa vontade fraca; Ele é o calor capaz de derreter o gelo dos nossos egoísmos e restituir entusiasmo aos nossos corações cansados.

Segundo Santa Inês, que nos indica o caminho, vamos ter então com Cristo, para experimentarmos nós também, *que o Seu jugo é suave e a Sua carga é leve (Cfr. Mt 11, 29), e o nosso coração inquieto, tornado manso e humilde (Mt 11, 29), encontrará por fim conforto e paz.*

© Copyright 1980 - Libreria Editrice Vaticana

---

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana